

AUTOR *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

TIMOTHY  
KELLER



O NATAL  
ESCONDIDO



A SURPREENDENTE VERDADE  
POR TRÁS DO NASCIMENTO DE CRISTO

  
VIDA NOVA



O NATAL  
ESCONDIDO



AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

TIMOTHY KELLER



O NATAL  
ESCONDIDO

A SURPREENDENTE VERDADE  
POR TRÁS DO NASCIMENTO DE CRISTO

TRADUÇÃO  
JURANDY BRAVO

  
VIDA NOVA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy

O Natal escondido : a surpreendente verdade por trás do nascimento de Cristo / Timothy Keller ; tradução de Jurandy Bravo. - São Paulo: Vida Nova, 2017.

176 p.

ISBN 978-85-275-0801-8

Título original: *Hidden Christmas: the surprising truth behind the birth of Christ*

1. Jesus Cristo - Natividade 2. Natal – Essência, natureza, etc. 3. Vida cristã I. Título II. Bravo, Jurandy

17-0722

CDD 232.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo – Natividade

©2016, de Timothy Keller

Título do original: *Hidden Christmas: the surprising truth behind the birth of Christ*, edição publicada pela VIKING, uma divisão da PENGUIN RANDOM HOUSE LCC (New York, New York, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por  
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020 [vidanova.com.br](http://vidanova.com.br) | [vidanova@vidanova.com.br](mailto:vidanova@vidanova.com.br)

1.<sup>a</sup> edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação de fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI) ou da Almeida Corrigida e Fiel (ACF) e traduzidas diretamente da New International Version (NIV). Citações bíblicas com a sigla TA se referem a traduções feitas pelo autor a partir do original grego/hebraico.

---

#### DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

#### GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

#### EDIÇÃO DE TEXTO

Rosa M. Ferreira

Lucília Marques

#### REVISÃO DA TRADUÇÃO

Rosa M. Ferreira

#### PREPARAÇÃO DE TEXTO

Marcia Medeiros

#### REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

#### GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

#### DIAGRAMAÇÃO

Sandra Oliveira

ADAPTAÇÃO DA CAPA

Vania Carvalho

---

A meus netos,  
LUCY, KATE, CHARLOTTE, MILES,  
“e talvez ainda outros mais que eu não consigo ver”.

Possam todos encontrar alegria na  
verdadeira história do Natal.

# SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

Capítulo 1 — UMA LUZ RAIOU

Capítulo 2 — AS MÃES DE JESUS

Capítulo 3 — OS PAIS DE JESUS

Capítulo 4 — ONDE ESTÁ O REI?

Capítulo 5 — A FÉ DE MARIA

Capítulo 6 — A FÉ DOS PASTORES

Capítulo 7 — UMA ESPADA NA ALMA

Capítulo 8 — A DOCTRINA DO NATAL

# AGRADECIMENTOS

Mais uma vez sou grato a Janice Worth, cuja hospitalidade na ensolarada Flórida me concede todos os anos duas produtivas semanas de paz para escrever. Redigi este manuscrito em seu estúdio, um de meus espaços prediletos no mundo inteiro. Também agradeço a Brian e Jane McGreevy e a Lynn Land, de Charleston, Carolina do Sul, por fornecerem apoio crucial para nosso período de escrita em pleno veraneio.

Meu editor, Brian Tart, da Viking, e meu agente, David McCormick, foram, como sempre, parceiros e suporte incomparáveis para qualquer autor. Minha esposa, Kathy, embora não seja coautora deste livro, ajudou com a edição e lemos grande parte dele em voz alta um para o outro.

As ideias contidas no livro foram forjadas não na escrita, mas na pregação. Cada capítulo representa pelo menos dez meditações e sermões, ou quase isso, sobre o texto bíblico em questão. Esses sermões foram apresentados em cultos de Natal ao longo de algumas décadas. Assim, para finalizar, permita-me agradecer às igrejas em que minha família e eu comemoramos o nascimento de Jesus a cada ano. Entre elas estão as igrejas West Hopewell Presbyterian Church (Natais de 1975 a 1983), a New Life Presbyterian Church de Jenkintown, Pensilvânia (Natais de 1984 a 1988), e a Redeemer Presbyterian Church de Nova York (Natais de 1989 a 2016). Foi nessas igrejas e com esses amigos que aprendi o sentido infinitamente rico do Natal.

# INTRODUÇÃO

○ Natal é o único dia santo cristão que também representa um feriado secular importante — provavelmente o maior da nossa cultura.<sup>1</sup> O resultado são duas celebrações distintas, cada qual observada por milhões de pessoas ao mesmo tempo. Isso traz certo desconforto a ambos os lados. Para muitos cristãos, é impossível não notar que mais e mais festividades públicas em torno do Natal evitam de propósito quaisquer referências a suas origens cristãs. A música de fundo nas lojas está mudando de *Vinde, cantai! Jesus nasceu!* para *Então é Natal*. O feriado é promovido como tempo para a família, para dar presentes e para ter paz no mundo. “O Natal é um feriado secular maravilhoso”, escreveu um entusiasta no popular site Gawker.<sup>2</sup>

Contudo, é impossível os irreligiosos não perceberem que o antigo significado do Natal se intromete o tempo todo sem ser chamado — por exemplo, por meio da letra das canções tradicionais de Natal. Pode ser irritante ter de responder às indagações das crianças: “O que essa música quer dizer com ‘nasce para nascermos de novo?’”.

Como crente cristão, fico feliz em compartilhar os méritos desse dia com toda a sociedade. O Natal secular é um festival de luzes, tempo de reuniões em família e época de doação generosa aos que nos são mais próximos e aos mais necessitados. Essas práticas são enriquecedoras para todos e, na verdade, coerentes com as origens cristãs da celebração.

Dada a importância do Natal para o comércio, ele permanecerá conosco como uma festividade secular. Meu receio, no entanto, é que suas verdadeiras raízes se tornem cada vez mais ocultas para a maior parte da população. A ênfase na luz em meio à escuridão se deve à crença cristã de que a esperança do mundo vem de fora dele. Dar presentes é uma reação natural ao estupendo gesto de abnegação praticado por Jesus ao deixar de lado sua glória e nascer na raça humana. A preocupação com o necessitado lembra que o Filho de Deus não nasceu em uma família aristocrática, mas em uma família pobre. O Senhor do universo se identificou com os menores e os mais excluídos da raça humana.

São temas poderosos, mas cada um deles representa uma espada de dois

gumes. Jesus veio como a luz porque somos espiritualmente cegos demais para encontrar nosso próprio caminho. Fez-se mortal e morreu porque estamos moralmente arruinados demais para ser perdoados de qualquer outro modo. Entregou-se para nós e por isso devemos nos doar totalmente para ele. Portanto, não somos “de [nós] mesmos” (1Co 6.19). O Natal, como o próprio Deus, é ao mesmo tempo mais maravilhoso e mais ameaçador do que imaginamos.

Todo ano, nossa sociedade ocidental cada vez mais secular torna-se menos consciente das próprias raízes históricas, muitas delas fundamentos da fé cristã. No entanto, uma vez por ano, no Natal, essas verdades básicas ficam um pouco mais acessíveis a uma enorme audiência. Em inúmeros encontros, concertos, festas e outros eventos, mesmo quando a maioria dos participantes não é religiosa, às vezes a essência da fé se torna visível. Como exemplo, vamos propor algumas perguntas sobre o famoso cântico de Natal *Eis dos anjos a harmonia*, ouvido em shopping centers, supermercados e nas esquinas.<sup>3</sup> *Quem é Jesus?* O “Senhor eterno”, que desceu “do mais alto céu” para ser “fruto do ventre da virgem”. *O que veio fazer?* Sua missão é ver “Deus e pecadores reconciliados”. *Como conseguiu isso?* Ele “deixa de lado sua glória” a fim de que “não morramos mais”. *Como essa vida pode ser nossa?* Por meio de uma regeneração espiritual e interna tão radical que, como vimos, pode ser chamada “segundo nascimento”.<sup>4</sup> Com estilo enxuto e brilhante, o cântico nos oferece um resumo do ensinamento cristão inteiro.

Embora poucas das canções e das leituras bíblicas de Natal mais familiares sejam abrangentes assim, permanece o fato de que, em determinada época do ano, caso centenas de milhares de pessoas se dessem ao trabalho de fazer essas perguntas, encontrariam este mesmo conhecimento ao seu alcance. Compreender o Natal é compreender os fundamentos do cristianismo, o evangelho.

Neste livro, espero tornar as verdades do Natal menos obscuras. Examinaremos algumas passagens da Bíblia que são famosas porque sacudimos a poeira delas todo Natal, no único momento do ano em que nossa sociedade secular e a igreja cristã, de certa forma, refletem sobre o Natal. Nos primeiros capítulos do livro, examinando o Evangelho de Mateus, aprenderemos sobre as dádivas que Deus nos concedeu no Natal. Nos capítulos posteriores, redirecionando o foco para o Evangelho de Lucas, consideraremos como podemos dar as boas-vindas a essas dádivas e então recebê-las.

Minha esperança é que, no final, o verdadeiro sentido do Natal não esteja mais escondido do leitor.

---

1 Para uma análise satírica das duas celebrações sobrepostas do Natal em nossa cultura, veja C. S. Lewis, “Xmas and Christmas: a lost chapter in Herodotus”, in: *God in the dock* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 334-8. Esse ensaio também pode está disponível em: [www.khad.com/post/196009755/xmas-and-christmas-a-lost-chapter-from-heredotus](http://www.khad.com/post/196009755/xmas-and-christmas-a-lost-chapter-from-heredotus), acesso em: 16 mar. 2017.

2 Rich Juzwiak, “Christmas is a wonderful, secular holiday”, Gawker.com, December 18, 2014, disponível em: <http://gawker.com/christmas-is-a-wonderful-secular-holiday-1665427426>, acesso em: 17 mar. 2017.

3 Charles Wesley, *Hark! The herald angels sing* (1739) [versão em português: *Eis dos anjos a harmonia*, tradução de rev. Robert Hawkey Moreton], disponível em: <http://cyberhymnal.org/htm/h/h/a/hhangers.htm>, acesso em: 18 mar. 2017.

4 Citações traduzidas da letra original em inglês. (N. do T.)

1



# UMA LUZ RAIOU

O povo que andava em trevas viu uma grande luz; e resplandeceu a luz sobre os que habitavam na terra da sombra da morte. [...] Porque todo calçado pesado de guerreiro e toda capa encharcada de sangue serão queimados, destruídos pelo fogo. Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi concedido. O governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz. O seu domínio aumentará, e haverá paz sem fim... (Is 9.2,5-7).

○ surgimento das luzes é um dos primeiros indícios da época de Natal. Há luzes nas ruas, velas nas janelas, brilho por todo lado. Na cidade de Nova York, as luzes do Natal encantam até os moradores mais *blasés*. Tudo parece envolto em milhões e milhões de estrelas. O que vem bem a calhar, pois o dia 25 de dezembro segue-se ao período do ano mais escuro no mundo mediterrâneo e na Europa, onde as comemorações do Natal aconteciam. Todavia, essas luzes todas não são apenas decorativas; são simbólicas.

## AS TREVAS DO MUNDO

Não importa o que você pretende fazer em um cômodo qualquer, primeiro tem de acender a luz ou não conseguirá enxergar nada. O Natal contém muitas verdades espirituais, mas será difícil entender as outras se não compreendermos primeiro essa. Que o mundo é um lugar escuro, e que jamais encontraremos o caminho ou enxergaremos a realidade a menos que Jesus seja a nossa Luz. Mateus, citando Isaías 9.1,2, nos diz que “o povo que vivia em trevas viu uma grande luz; sim, uma luz raiou” (Mt 4.16). Acerca de Jesus, João ensina: “Pois a verdadeira luz, que ilumina a todo homem, estava chegando ao mundo. O Verbo estava no mundo, e este foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu” (Jo 1.9,10).

Em que sentido o mundo está “em trevas”? Na Bíblia, o termo “trevas” se refere tanto ao mal quanto à ignorância. Significa primeiro que o mundo está repleto de maldade e sofrimento atroz. Veja o que acontecia na época do nascimento de Jesus: violência, injustiça, abuso de poder, gente sem ter onde morar, refugiados fugindo da opressão, famílias em cacos e uma angústia sem fim. Exatamente como nos nossos dias.

O outro sentido em que nosso mundo está “em trevas” é por ninguém saber o suficiente para curar o mal e o sofrimento nele existentes. Isaías 9.2, “O povo que andava em trevas viu uma grande luz”, é um texto cristão famoso, consagrado pelo *Messias* de Handel como uma das profecias do nascimento de Jesus. No entanto, é o final de Isaías 8 que explica por que necessitamos da luz de Deus. Nos versículos 19 e 20, vemos pessoas consultando médiuns e feiticeiros em vez de Deus. Até que o capítulo chega ao fim: “Passarão pela terra oprimidos e famintos [...] Então, olharão para a terra e verão angústia, escuridão e assombro...” (v. 21,22).

O que acontece aqui? Voltam-se para a terra e para os recursos humanos com o intuito de consertar o mundo. Recorrem a seus especialistas, aos místicos, aos sábios em busca de soluções. Sim, dizem eles, estamos na escuridão, mas podemos vencê-la com nossos próprios esforços. As pessoas afirmam o mesmo hoje em dia. Algumas se voltam mais para o Estado, outras mais para o mercado, e todas se voltam para a tecnologia. Contudo, todas compartilham de idêntica pretensão. As coisas estão obscuras, mas acreditamos ser capazes de pôr fim à escuridão com intelecto e inovação.

Anos atrás, li um anúncio no *New York Times* que dizia: “O sentido do Natal é que o amor triunfará, e conseguiremos construir um mundo de união e paz”. Em outras palavras, *nós* temos a luz em nosso interior, portanto somos nós que podemos dissipar a escuridão do mundo. Podemos vencer a pobreza, a injustiça, a violência e o mal. Se trabalharmos juntos, podemos criar um “mundo de união e paz”.

Será mesmo? Um dos líderes mundiais do fim do século 20 mais dado à reflexão foi Václav Havel, primeiro presidente da República Tcheca. Ele ocupava uma posição estratégica, a partir da qual espreitava em profundidade tanto o socialismo quanto o capitalismo, e não se mostrou otimista de que um ou outro pudesse, por si só, solucionar os maiores problemas humanos. Sabia que a ciência sem o direcionamento dos princípios morais nos dera o Holocausto. Concluiu que nem a tecnologia, nem o Estado, tampouco o mercado sozinho podiam nos salvar do conflito nuclear, da violência étnica ou da degradação ambiental. “A busca de uma vida de bem-estar não ajudará a humanidade a se salvar, nem a democracia sozinha é suficiente”, disse [Havel]. ‘Um retorno para Deus e a busca de [...] Deus são necessários’.<sup>1</sup> A raça humana se esquece a todo instante, ele acrescentou, de que “não é Deus”.<sup>2</sup>

## O REALISMO DO NATAL

Apesar da sinceridade do anunciante do *Times*, a mensagem do Natal *não* é que “consequiremos construir um mundo de união e paz”. Na verdade, é exatamente o contrário. Havel destaca bem: a humanidade não pode salvar a si mesma. Aliás, argumenta ele, a crença de que somos capazes de nos salvar — de que um sistema político ou uma ideologia tem poder para consertar problemas humanos — só tem levado a mais escuridão. Se, como o filósofo Bertrand Russell, você não crê na existência de um Deus ou de qualquer dimensão sobrenatural que transcenda a realidade em absoluto e recorre à ciência para que o ilumine, as coisas acabam ainda mais obscuras:

Esse é, em resumo, porém ainda mais sem sentido, mais desprovido de significado, o mundo que a ciência apresenta para nele cremos. [...] Que o homem é o produto de causas sem qualquer previsão do fim a que chegariam; que sua origem, desenvolvimento, esperanças e medos, amores e crenças não passam do resultado de disposições acidentais de átomos; que nenhum fervor, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento é capaz de preservar a vida do indivíduo além-túmulo; que toda a labuta de gerações, toda a devoção, toda a inspiração, todo o esplendor do meio-dia do gênio humano estão destinados à extinção na incomensurável morte do sistema solar; e que o templo inteiro da realização do homem deve inevitavelmente ser sepultado sob os escombros de um universo em ruínas [...] Só nos andaimes dessas verdades, só sobre os alicerces firmes do desespero inflexível pode aí a habitação da alma ser edificada com segurança.<sup>3</sup>

Essa é uma visão obscura de verdade! E confirma o que vimos em Isaías 8: se nos voltarmos apenas para este mundo e os recursos humanos, a escuridão só piora.

O Natal, portanto, é o modo menos sentimental e mais realista de se ver a vida. Ele não diz: “Alegram-se! Unindo nossas forças, podemos fazer do mundo um lugar melhor”. A Bíblia jamais aconselha a indiferença para com as forças das trevas, só a resistência, mas ela não apoia nenhuma ilusão de que possamos derrotá-las por nós mesmos. O cristianismo não concorda com os pensadores otimistas que dizem: “Podemos dar um jeito em tudo isso se formos persistentes o bastante”. Tampouco concorda com os pessimistas que só enxergam um futuro

distópico. Em vez disso, a mensagem do cristianismo é: “As coisas vão mesmo muito mal, e não temos como curar ou salvar a nós mesmos. As coisas vão mesmo muito mal — *contudo*, há esperança”. A mensagem do Natal é que “resplandeceu a luz sobre os que habitavam na terra da sombra da morte”. Observe que a Bíblia não diz que uma luz brotou do mundo, mas que uma luz raiou sobre o mundo. Ela veio de fora. Há luz fora deste mundo, e Jesus a trouxe para nos salvar; de fato, ele *é* a Luz (Jo 8.12).

## O SIGNIFICADO DA LUZ

Quando Isaías fala da luz de Deus “resplandecendo” sobre um mundo em trevas, usa o sol como símbolo. A luz do sol traz *vida, verdade e beleza*.

*O sol nos dá vida.* Se ele se apagasse, congelaríamos. É a fonte de toda vida. Por isso a Bíblia também diz que só em Deus “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17.28). Existimos apenas porque ele nos sustenta, mantendo-nos em pé a cada instante. Você toma seu ser emprestado dele. Isso é verdade não só em relação a seu corpo físico, mas também quanto a seu espírito, sua alma. De acordo com a Bíblia, perdemos o relacionamento original, pleno, correto com Deus que tínhamos no início (Gn 3.1-24). Essa é a razão pela qual acabaremos conhecendo a morte física e por que hoje experimentamos morte espiritual: perda de sentido e esperança, desejos descontrolados e instigados por vícios, insatisfação profunda que não pode ser aplacada, vergonha e lutas com a identidade e incapacidade de mudar.

*O sol nos mostra a verdade.* Se você dirigir um carro à noite sem acender os faróis, é provável que colida. Por quê? A razão é que o farol revela a verdade, como as coisas são de fato, e não haverá verdade suficiente que lhe permita manobrar o carro com segurança. A Bíblia também afirma que Deus é a fonte de toda verdade (1Jo 1.5,6). Em um primeiro plano, a única razão para você saber algo é o fato de Deus existir. Ele fez sua mente e suas faculdades cognitivas. Em outro, não nos é possível saber quem é Deus a menos que ele se revele a nós, o que ele o faz na Bíblia. Só por meio dele sua capacidade de raciocínio funciona, e só por sua Palavra você pode compreender verdadeiramente quem ele é e, portanto, quem você é: criação de Deus.

*O sol é belo.* A luz deslumbra e dá alegria. Essa é uma verdade literal. Muitos sofrem de depressão em locais onde só há poucas horas com luz do dia em determinadas épocas do ano. Precisamos de luz para ter alegria. Deus é a fonte de toda beleza e alegria. Há uma frase famosa de Santo Agostinho: “Nosso coração não tem sossego até encontrar descanso em ti”.<sup>4</sup> Agostinho acreditava que, mesmo quando você parece desfrutar de outra coisa qualquer, Deus é a real fonte da sua alegria. O que você ama vem dele e é passível de ser amado por trazer a assinatura dele. Toda alegria se encontra na verdade em Deus, e qualquer coisa de que você desfrute é um derivado, pois o que de fato está procurando é *ele*, saiba você disso ou não.

## O RESPLANDECER DA LUZ

Só Deus, então, tem a vida, a verdade e a alegria que nos faltam e que não somos capazes de gerar. Como essa luz divina pode “raiar” ou, como diz Isaías 9, “*resplandecer*” literalmente sobre nós? Os versículos 6 e 7, os mais conhecidos do capítulo, respondem com atordoante objetividade. O texto nos fala que a luz veio “*porque* um menino nos nasceu”. O menino a traz, pois ele é “Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz”. Digno de nota é que os quatro títulos aplicados a essa criança pertencem só a Deus. Ele é o Deus poderoso. É o Pai eterno, que quer dizer Criador; no entanto, ele *nasceu*. Não há nada parecido com essa afirmação em nenhuma das outras grandes religiões. Ele é um ser humano. Contudo, não se trata apenas de uma espécie de avatar do princípio divino. Ele é Deus!

Dizer que “comemoramos” esse fato no Natal chega a ser quase limitador. Estupefatos, arregalamos os olhos, perdidos em deslumbramento, amor e louvor. No restante deste livro, trataremos das várias implicações de Deus ter nascido em nosso mundo. Mencionemos apenas duas aqui, no início.

Antes de tudo, se Jesus Cristo é mesmo Deus Forte e Pai Eterno, não se pode simplesmente *gostar* dele. Na Bíblia, as pessoas que o viram e ouviram de verdade nunca reagiram com indiferença ou moderação. A partir do momento que compreendiam o que ele afirmava acerca de si próprio, ou tinham medo dele, ou ficavam furiosas com ele, ou se ajoelhavam diante dele e o adoravam. Mas ninguém simplesmente gostava dele. Ninguém dizia: “Ele me inspira tanto. Faz com que eu deseje levar uma vida melhor”. Se o bebê que nasceu no Natal é o Deus todo-poderoso, você deve servi-lo por inteiro. Voltaremos a considerar essa implicação no capítulo 3.

Segundo, se Jesus é Maravilhoso Conselheiro e Príncipe da Paz, você deveria *sentir vontade* de adorá-lo. Por que ele é chamado de “conselheiro”? Quando você passa por grande dificuldade, é bom conversar com alguém que já trilhou esse caminho, com conhecimento pessoal do que você está enfrentando. Se Deus de fato nasceu em uma manjedoura, então temos algo que nenhuma outra religião jamais afirmou ter. Temos um Deus que o compreende de verdade, na sua experiência mais profunda. Nenhuma outra religião afirma que Deus sofreu, que precisou ser corajoso, que sabe como é ser abandonado pelos amigos, esmagado pela injustiça, torturado e morto. O Natal mostra que ele sabe o que você está

passando. Quando você lhe fala, ele entende.

Dorothy Sayers, ensaísta e romancista britânica, disse anos atrás:

A encarnação significa que, seja qual for a razão pela qual Deus escolheu deixar-nos cair [...] para sofrer, para nos sujeitar às dores e à morte —, ainda assim ele teve a honestidade e a coragem de provar do próprio remédio. [...] Não pode cobrar nada do homem que não tenha cobrado de si próprio. Passou por toda a experiência humana — das irritações triviais da vida familiar, das restrições limitadoras do trabalho duro e da falta de dinheiro aos piores horrores da dor e da humilhação, da derrota, do desespero e da morte. [...] Nasceu em pobreza e [...] sofreu dor infinita — tudo por nós — e achou que valia muito a pena.<sup>5</sup>

Isaías o chama de *Maravilhoso* Conselheiro, significando que ele é belo. Talvez agora vislumbremos a razão disso. Ele era detentor da superioridade infinita de ser Deus todo-poderoso, mas tornou-se um de nós, enredado em nossa condição, a fim de conhecer nossa escuridão. Salvou-nos indo para a cruz, e fez isso em uma atitude absolutamente voluntária, espontânea, por puro amor. Isso é belo. Quando consideramos algo belo, não apenas um dever, demoramos-nos e permanecemos diante disso que achamos belo, visto que proporciona satisfação em si mesmo. Desse modo, a razão pela qual deveríamos obedecer-lhe, não só por sermos obrigados, mas também por querermos, é que, à luz de tudo que tem feito por nós, ele é maravilhoso.

Resumindo, Jesus é a luz divina do mundo por trazer uma nova vida para substituir nossa apatia espiritual, por nos mostrar a verdade que cura nossa cegueira espiritual e porque ele é a beleza que anula nossos vícios ligados a dinheiro, sexo e poder. Como *Maravilhoso* Conselheiro, ele caminha conosco quando adentramos e atravessamos a sombra da morte (Mt 4.16), onde ninguém mais pode nos acompanhar. Ele é uma luz para nós quando todas as outras luzes se apagam.<sup>6</sup>

## A LUZ DA GRAÇA

Mas como essa luz pode se tornar nossa? Observe que não está escrito apenas: “Porque um menino nos nasceu...”, mas também: “... um filho nos foi concedido...”. Trata-se de um presente que só pode ser seu se você estiver disposto a recebê-lo de graça.

O versículo 5 sugere o mesmo. Fala de uma grande batalha, mas diz: “Porque todo calçado pesado de guerreiro e toda capa encharcada de sangue serão queimados, destruídos pelo fogo”. Esse conjunto de imagens vívidas significa que a grande vitória sobre o mal não exigirá nossa força. Não necessitaremos do calçado pesado do guerreiro. Não precisaremos de armadura ou de espada. Derreta-os. Queime-os. Outra pessoa trará a luta em seu lugar. Quem?

Isaías não nos conta aqui. Você tem de esperar até chegar aos “Cânticos do servo” de Isaías 42—55, nos quais o profeta aponta para um misterioso libertador que está por vir e sobre quem ele fala: “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas maldades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e por seus ferimentos fomos sarados” (Is 53.5). Ao ir para a cruz, Jesus pagou a pena por nosso pecado. Quando confiamos na obra de Cristo em nosso benefício, em vez de em nossos próprios esforços mortais, Deus nos perdoa, nos aceita e implanta seu Espírito Santo em nós de modo a nos renovar de dentro para fora. Essa grande salvação, essa luz que resplandece sobre você com toda a nova vida, verdade e beleza que ela traz é concedida como um presente. O único modo de recebê-la é admitindo tratar-se de uma graça imerecida.

Natal tem relação com troca de presentes, mas considere como é desafiador receber determinados tipos de presentes. Alguns, pela própria natureza, o obrigam a engolir seu orgulho. Imagine abrir o presente de um amigo na manhã de Natal — e é um livro de dietas. Você então abre o próximo embrulho e descobre outro livro de um segundo amigo: *Superando o egocentrismo*. Se lhes disser um “*Muito* obrigado”, de certa forma estará reconhecendo: “Porque de fato sou gordo e insuportável”. Em outras palavras, alguns presentes são difíceis de receber, pois fazê-lo é admitir os próprios defeitos, fraquezas e a necessidade de ajuda. Talvez, em algum momento, um amigo seu descobriu que você passava por problemas financeiros e o procurou para oferecer uma grande soma de dinheiro e, assim, tirá-lo do apuro. Se isso já lhe aconteceu, provavelmente você

descobriu que receber o presente significava engolir o orgulho.

Nunca um presente que lhe foi oferecido o fez engolir seu orgulho com a profundidade que o presente de Jesus requer. Natal significa que estamos tão perdidos, tão incapazes de nos salvar, que nada menos do que a morte do Filho do próprio Deus poderia nos salvar. Isso mostra que você *não* é alguém capaz de levantar a cabeça e levar uma vida moralmente correta e boa.

Para aceitar o verdadeiro presente do Natal, você tem de admitir que é pecador. Precisa ser salvo pela graça. Precisa abrir mão do controle de sua vida. Isso é descer mais baixo do que qualquer um de nós tem realmente vontade de fazer. Contudo, a grandiosidade de Jesus Cristo é vista no quanto ele se rebaixou ao vir até aqui nos amar. Sua regeneração espiritual e eventual grandeza serão alcançadas percorrendo o mesmo caminho. Ele desceu para se tornar grande, e a Bíblia diz que só pelo arrependimento você vem para a sua luz. C. S. Lewis expressa isso com perfeição. Na encarnação, diz ele,

enxergamos um novo princípio-chave — o poder do Altíssimo, à medida que ele é de fato Altíssimo, de descer, o poder do maior de incluir o menor. [...] Em toda parte o grande se insere no pequeno — o poder de fazê-lo é quase o teste de sua grandeza. Na história cristã Deus [...] desce; das alturas do ser absoluto ele desce para o tempo e o espaço, para a humanidade; mais ainda, se os embriólogos estiverem certos, a fim de recapitular no ventre fases antigas e pré-humanas da vida [...] chega às raízes, ao leito sob o mar da natureza que criou. Desce para tornar a subir e trazer consigo o mundo inteiro em ruínas. [...] Pode-se pensar no mergulhador, primeiro reduzido à nudez, depois olhando rápido para todo lado em pleno salto, então desaparecendo em um mergulho, sumindo, projetando-se pela água verde e quente até a água escura e fria, atravessando a pressão crescente até a região semelhante à morte do limo, da lama e da velha decomposição; até subir outra vez, de volta à cor e à luz, os pulmões quase estourando, até de repente irromper mais uma vez pela superfície, tendo nas mãos o objeto precioso e gotejante que desceu para recuperar.<sup>7</sup>

Quando Jesus morreu na cruz, as trevas desceram sobre a terra (Mt 27.45). A luz do mundo penetrou as trevas a fim de nos trazer para a maravilhosa luz divina (1Pe 2.9). As promessas do Natal não podem ser discernidas a menos que primeiro se reconheça que não há como salvar nem conhecer a si mesmo sem a luz da graça imerecida de Deus em sua vida. Essa é a verdade fundamental a

partir da qual podemos prosseguir para aprender os sentidos secretos do Natal.

---

1 Robert Marquand, “Václav Havel: crisis of ‘human spirit’ demands spiritual reawakening”, *Christian Science Monitor*, December 22, 2011, disponível em: <http://www.csmonitor.com/World/Europe/2011/1223/Vaclav-Havel-crisis-of-human-spirit-demands-spiritual-reawakening>, acesso em: 19 mar. 2017.

2 Stanford University News Service, “Czech president Václav Havel’s visit to Stanford” (news release), October 4, 1994, disponível em: <http://web.stanford.edu/dept/news/pr/94/941004Arc4108.shtml>, acesso em: 19 mar. 2017.

3 De Bertrand Russell, “A free man’s worship”, in: *Mysticism and logic: and other essays* (London: Longmans, Green, and Company, 1919), p. 47-8. O ensaio completo também está disponível em vários endereços da internet.

4 Augustine, *Confessions*, tradução para o inglês de Henry Chadwick (Oxford: Oxford University Press, 1991) [edição em português: *Confissões*, tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros, Introdução de Riolando Azzi (Rio de Janeiro: Ediouro, 1993)].

5 Dorothy L. Sayers, “The greatest drama ever staged”, in: *Creed or chaos? And other essays in popular theology* (London: Hodder and Stoughton, 1940), p. 6.

6 J. R. R. Tolkien, *The two towers* (New York: Random House, 1986), p. 372 [edição em português: *As duas torres*, tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pissetta (São Paulo: Martins Fontes, 1994)].

7 C. S. Lewis, *Miracles* (New York: Macmillan, 1947), p. 115-6 [edição em português: *Milagres*, tradução de Ana Schäffer (São Paulo: Vida, 2006)].



## AS MÃES DE JESUS

Livro da genealogia de Jesus Cristo [...] Judá gerou, de Tamar, Farés e Zará; [...] Boaz gerou, de Rute, Obede; [...] Davi gerou, daquela que havia sido mulher de Urias, Salomão; [...] José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo. Assim, todas as gerações de Abraão até Davi foram catorze; de Davi até o exílio na Babilônia, catorze; e do exílio na Babilônia até o Cristo, catorze (Mt 1.1,3,5,6,16,17).

O relato do nascimento de Jesus no Evangelho de Mateus começa não com os fatos da natividade em si, já bem conhecidos: a estrela, os pastores e a manjedoura. Ele parte da névoa de tempos ainda mais antigos, fornecendo uma longa e aparentemente enfadonha genealogia. É fácil perder a paciência com esses versículos e deixar os olhos correrem sobre as palavras até chegarem à ação de fato. No entanto, o Natal não tem relação apenas com um nascimento, mas com uma *vinda*. Deus planejara a chegada do seu Filho antes mesmo de criar a terra (Ap 13.8) e, como todo bom escritor, prenunciou a pessoa grandiosa que Jesus seria no decorrer da história.

De modo que aprendemos aqui muito mais do que você talvez imaginasse a princípio. O que essas genealogias nos falam sobre o significado do Natal e do cristianismo? Faremos duas descobertas a partir do que Mateus *não* diz e duas a partir do que ele diz.

## EVANGELHO SÃO BOAS-NOVAS, NÃO BONS CONSELHOS

Mateus não inicia seu relato do nascimento de Jesus com um “Era uma vez”. Assim começam os contos, lendas, mitos e a *Guerra nas estrelas*. “Era uma vez” sinaliza que provavelmente a história não aconteceu ou que não sabemos se aconteceu, mas é uma bela narrativa e que nos ensina muito. Mas não é esse o tipo de relato que Mateus nos faz. Diz ele: “Livro da genealogia de Jesus Cristo...”. Isso significa que ele está fundamentando quem Jesus Cristo é e o que ele faz na história. Não se trata de uma metáfora. Ele é real. Tudo isso aconteceu.

Eis a razão pela qual isso é tão importante. “Conselho” é uma recomendação do que você deve fazer. “Novas” são um relato do que já *foi feito*. O conselho o incentiva a fazer algo acontecer. As novas o incentivam a reconhecer algo que já aconteceu e a ele reagir a isso. O conselho diz que cabe a você agir. As novas dizem que outra pessoa agiu. Suponhamos que um exército invasor avance sobre uma cidade. Ela precisa de conselheiros militares; necessita de conselho. Alguém tem de explicar que os bastiões e as trincheiras devem ficar ali, os atiradores de elite mais adiante e os tanques lá embaixo.

Todavia, se um grande rei interceptou e derrotou o exército invasor, do que a cidade precisa? Não de conselheiros militares; ela precisa de mensageiros, e o termo grego para mensageiros é *angelos*, anjos. Mensageiros não dizem: “Aqui está o que vocês precisam fazer”. Em vez disso, anunciam: “Trago-lhes notícias de grande alegria”. Em outras palavras: “Parem de fugir! Parem de construir fortificações. Parem de tentar se salvar. O Rei já os salvou”. Algo foi feito, e isso muda tudo.

Os textos bíblicos de Natal são relatos do que de fato aconteceu na história. Não são as Fábulas de Esopo, exemplos inspiradores de como viver bem. Muitos acreditam que o evangelho é apenas mais uma narrativa moralizante. Não poderiam estar mais errados. Não existe nenhuma “moral da história” na natividade. Os pastores, os pais de Jesus, os magos — não são apresentados acima de tudo como exemplos para nós. Essas narrativas do evangelho estão lhe dizendo não o que você deveria fazer, mas o que Deus fez. O nascimento do Filho de Deus no mundo é um evangelho, as boas-novas, uma proclamação. Você não se salva. Deus veio salvá-lo.

Eu diria que outras religiões e muitas igrejas, ao falarem sobre salvação,

entendem-na e proclamam-na como um conselho. Salvação é algo pelo que  *você*  tem de batalhar e lutar, que  *você*  tem de alcançar. Só acontece se  *você*  orar, obedecer ou transformar sua consciência. Mas o evangelho cristão é diferente. Os fundadores das grandes religiões afirmam, de um jeito ou de outro: “Estou aqui para lhes mostrar o caminho para a realidade espiritual.  *Façam*  tudo o que digo”. Isso é conselho. Jesus Cristo, o fundador do cristianismo, vem e diz: “Sou a realidade espiritual em pessoa.  *Você*  jamais conseguiria me alcançar, por isso tive de descer até aqui”. Isso é novidade.

Claro, o Natal é só o começo da história de como Deus veio nos salvar. Jesus terá de ir para a cruz. Contudo, sua vida e salvação inteiras encontram-se aqui em forma embrionária, prenunciando o que acontecerá. Ele veio para tomar nosso lugar, para pagar o preço por nosso pecado, para receber o que merecemos. Onde, à luz do nosso pecado contra Deus e nosso próximo, merecemos estar? No frio e na escuridão. Jesus nasceu na estrebaria fria e escura, mas isso era apenas um prenúncio. No fim de sua vida, ele clamou: “... Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46). Na cruz, ele foi lançado na escuridão espiritual, a fim de que pudéssemos ser trazidos para o calor e a luz da presença de Deus.

Portanto, primordialmente, o cristianismo não tem relação com o autoaperfeiçoamento. Não é apenas a frequência a um lugar para conseguir um pouco de inspiração e orientação para a vida. Claro que o evangelho cristão tem enormes implicações em como se vive. Mas ele é, antes de mais nada, a mensagem de que  *você*  precisa ser salvo e de que não é salvo de modo algum pelo que pode fazer, mas, sim, pelo que ele fez.  *Você*  começa com Cristo não ao adotar uma ética ou virar uma página, nem mesmo ao se juntar a uma comunidade. Não,  *você*  começa crendo no relato do que aconteceu na história. Deus se tornou um ser humano de verdade? Jesus realmente viveu, sofreu e morreu por  *você* ? Ele de fato ressuscitou triunfante do túmulo? Se for esse o caso, então tudo mais que a Bíblia diz sobre como viver faz sentido. No entanto, se o relato bíblico parte de um “Era uma vez”, se é um conselho inspirador e não a declaração dos maiores acontecimentos da história, então é tudo bobagem. O Natal nos mostra que cristianismo não é bom conselho. É boas-novas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Natal escondido: A surpreendente ver..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).